



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

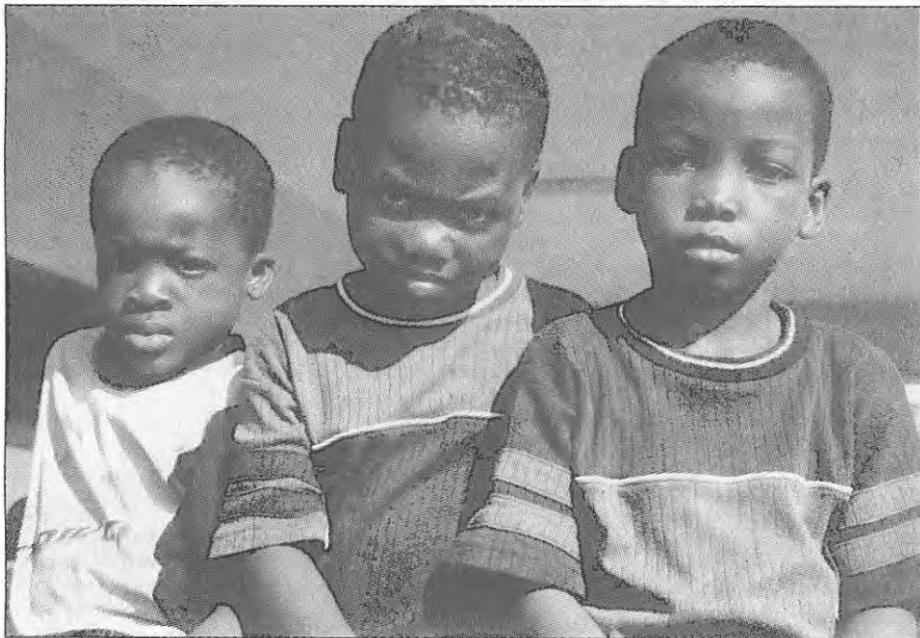
Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

16 de Outubro de 2004 • Ano LXI • N.º 1581

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Três «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Moçambique.

MOÇAMBIQUE

Sida

NA última crónica falava do Gabriel e da esperança em que, com cuidados intensivos na alimentação e saúde, pudesse neutralizar o vírus até aos três anos. Quando o recebemos, havia um casal que gostaria de o adoptar, mas logo que houve certeza do contágio, honestamente lhe demos a conhecer e retirou a ideia. Para a médica que o acompanha,

devido à carga viral, seria irreversível. Não demoraria muito a precisar de retrovirais. Ele ainda não fez dois anos sequer. Para a Irmã que o recebeu foi um choque. Mas entregou-o ao Pai Américo. Nós a rezar pela cura dela e ela, sem dizer nada, a pedir por ele. Entregue a uma senhora sem filhos para que se dedicasse a ele, sem que de nossa parte nada lhe faltasse, deixou-nos em grande preocupação, porque estava a perder peso. Ficou connosco. Levado ao controle médico já não tem vírus. Que graças não temos de dar a Deus e à intervenção de Pai Américo, se no próximo controle for confirmado. Que maravilha poder contemplá-lo sem o halo do HIV.

Com ele aqui em Casa tudo mudou. Aumentou de peso rapidamente. A comida bem preparada e quando rejeitada, porque nunca a tinha provado, com jeitinho, não sobra nada. É um guloso por papaia e qualquer outra fruta lhe agrada. Está a crescer. Em qualquer lado se ouvem os seus gritos. Como só agora está a fazer treino de fala, não tem ainda outra maneira de expressar a sua alegria ou, por vezes, a sua rejeição, quando não lhe fazem a vontade. Espantamos tanta alegria escondida naquele corpito de criança, ainda inconsciente do mundo que o espera, mas aberto, até demais, ao que o rodeia. Os seus gritos por vezes assustam. Se está na casa onde dorme, com os outros de pouco mais de idade, deixam-nos em sobressalto. Se no refeitório, sabemos com quem está e num relance nos tranquilizamos. Nos lugares de recreio é preciso mandar ver o que se passa, não haja qualquer coisa de desagradável com o nosso bebé.

Penso nas mães, como a dele, que no parto transmitiram a seus filhos a doença e eles e elas não tardarão a morrer. Penso naquelas que temeram o teste, vão até ao último momento, inconscientes do risco e não são testadas como tais, na hora do parto, mesmo nos hospitais. Penso naquelas que, por negligência médica, como aconteceu estes dias em que tudo fizemos para alertar o serviço do Hospital e mandaram bebé e mãe embora sem nada terem feito. Penso naqueles inocentes que nascem nos Postos de Saúde sem condições mínimas. Penso na fome que é o fantasma da morte para muito moçambicano e leva as jovens a prostituírem-se e os homens com sida a desfrutar da única satisfação que ainda podem sentir na vida que lhes resta. Apece chamar a isto um verdadeiro genocídio.

Continua na página 3

MOMENTOS

Actualização?

HOJE, que os professores de algumas escolas do Porto gozaram *ponte*, os rapazes ficaram em Casa para passar o feriado de amanhã, 5 de Outubro.

Que havemos de dar a fazer a tanta gente desocupada?

A genial situação de todas as Casas do Gaiato, implantadas no campo, com imensas actividades, agro-pecuárias, jardinagem, apicultura, obras de restauro e adaptação às exigências modernas, abre-nos imediatamente perspectivas.

Não é necessário inventar distrações nem pôr os «meninos» diante do ecrã da televisão, horas seguidas, vigiados por técnicos do Serviço Social, como se faz nas instituições (*actualizadas?*), segundo o critério monolítico do Estado.

Durante as férias grandes, nesta Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, os rapazes acabaram as aulas com os colegas, uns em Junho, outros em Julho, e outros, ainda, em Agosto conforme o grau de ensino ou o curso de formação frequentado.

Ao longo deste dilatado tempo, fizeram praia, pelo menos, três semanas cada um, piscina, futebol, andebol, bicicleta, vários passeios, um curso de música, de 400 horas, para doze rapazes e outro de informática, de 200 horas, para a mesma quantidade deles, pois o curso de horticultura biológica, que cinco seguiram, na nossa quinta, acabou no fim de Junho.

Preencheram o tempo com a apanha, a recolha e enceleiramento da batata, efectuaram a poda verde das ramadas, arrancaram ervas daninhas em volta das cepas, podaram e regaram pomares, cortaram silvas e austrálias, apanharam mato e carregaram-no para os parques livres dos bovinos, lavaram pocilgas e assistiram ao parto de várias ninhadas de porcos, trataram de galinhas, patos, gansos, garnisés e passarinhos, limpavam a Aldeia diariamente, vindimaram, carregaram as uvas, moeram-nas, pisaram-nas, fizeram o vinho e trasfegaram-no.

Tiraram o leite, duas vezes ao dia, e trouxeram-no para a cozinha. Assistiram e aju-

daram a parir três vacas, e cuidaram das crias.

Puseram a mesa, lavaram a loiça, descascaram batatas, alhos e cebolas na cozinha, arranjaram hortaliça e, alguns dias, confeccionaram as refeições. As oficinas foram funcionando com a adaptação própria de férias. O Jornal nunca parou.

Trabalhos leves, feitos a brincar e na alegria esfuziante de quem é jovem ou adolescente.

Caiu-me diante dos olhos uma queixa amarga, no semanário da *Agência ECCLESIA*, acerca de uma obra de inspiração cristã «em dificuldades profundas».

«Neste momento, outro dos problemas é o facto de os «meninos» estarem sem aulas desde meados de Junho, sobrecarregando a instituição, que se vê obrigada a inventar actividades para os manter ocupados. Na nossa visita — diz o jornalista — foi possível encontrar muitos deles diante da TV, no computador ou simplesmente a passear, porque a espera também os satura.

(...) Técnicos de Serviço Social, psicólogos, sociólogos, monitores e vigilantes asseguram um acompanhamento de 24 sobre 24 horas que emprega 97 pessoas.»

Será isto uma pedagogia actualizada? Não seria muito melhor deslocarem as 52 crianças e jovens para uma quinta nos

Continua na página 3

Apelo

É o mês de Outubro aquele em que ocorre o Dia Mundial das Missões e sempre o Papa dirige uma mensagem que chama a atenção para a natureza essencialmente missionária da Igreja. Pois se Ela é fundada sobre os Apóstolos, os *Enviados* de Jesus, enviados por Ele, «primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel» e depois da Sua Ressurreição, «a todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» — como não haveria Ela de ser essencialmente missionária? Daí a preocupação do Papa: «O compromisso missionário da Igreja constitui uma urgência» já que «os desejos que a Humanidade enfrenta nos nossos tempos estimulam os fieis a renovarem-se no seu fervor missionário». E lembrando o tema do Dia das Missões, este ano — «Eucaristia e Missões» — sublinha «o binómio inseparável» que ambas constituem, pois que «na Eucaristia revivemos o mistério da Redenção que culmina no sacrifício do Senhor»; e «alimentados por Ele, os fieis compreendem que o compromisso missionário consiste no ser uma «oblação agradável santificada pelo Espírito Santo» para que todos os fieis formem sempre mais «um só coração e uma só alma» e se tornem testemunhas do amor de Cristo até aos confins da Terra».

Este apelo de João Paulo II remete-me ao capítulo décimo do Evangelho de S. Mateus mediante o qual recebemos de Jesus as instruções dadas aos seus primeiros *Enviados* antes de os enviar à missão e ir Ele mesmo (Mt 11 e seguintes).

Não consentindo o espaço que me é dado, transcrevê-lo por inteiro, também eu remeto os meus leitores para esse capítulo em que o Senhor deixa claramente expressas as contradições entre o Seu critério e os critérios do mundo e, consequentemente, as tensões em que a Sua Igreja sempre viverá.

Para fazerdes o bem a que vos chamo (vrs. 7 e 8), «não procureis ouro nem prata nem cobre para os vossos cintos; nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado nem cajado, pois o trabalhador merece o seu sustento. Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, procurai saber de alguém digno e permaneci em sua casa até partirdes» (vrs. 9-12) — diz o Senhor.

E previne: «Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos (...) Tende cuidado com os homens: Não de levar-vos aos tribunais (...) Sereis levados perante governadores e reis, por Minha causa, para dardes testemunho diante deles e dos pagãos. Mas quando vos entregarem não vos preocupeis com o que haveis de falar; nessa altura ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer. Não sereis vós a

continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Uma mulher abandonada pelo marido — caso que surge uma vez por outra, que dá sinal de problemas familiares nos próprios meios rurais — vem pedir ajuda para livros numa escola que frequenta uma escola secundária.

— Não tenho dinheiro para a minha filha... Vivo do trabalho numa quinta perto de minha casa...

Chorava com pena da situação em que está. A vida dos Pobres!

A verdade é que esta mulherzinha deveria ter requerido, na altura própria, na dita escola, o subsídio que a legislação permite aos mais necessitados. Tomámos então a liberdade de telefonar à secretaria da escola, instruções sobre o caso.

— A mãe da menina que venha cá, abordar o assunto à Direcção, porque já está fora do prazo.

São coisas que acontecem à simplicidade da nossa gente do campo.

Hoje, esteve connosco aquela mãe que, além de sofrer dores pela doença que sofre, tem mais outra, dolorosa, o marido será operado brevemente.

— Ó meu senhor, Deus me perdoe, Ele nos dê coragem para alívio dos nossos males...!

Foi daqui direitinha ao farmacêutico para alívio das doências.

A conta da botica, no mês de Setembro, passa os quinhentos euros!

NÚMEROS DA POBREZA — «Um quinto dos portugueses são Pobres. Vinte por cento da população portuguesa estava abaixo do limiar da pobreza — definido pelo Eurostat. Quer isto dizer que mesmo depois de receberem as chamadas 'transferências sociais', onde se incluem as pensões ou o Rendimento Social de Inserção, cerca de dois milhões de indivíduos dispunham (de um pequeníssimo rendimento...)»

Números ditos oficiais...
«No fim do terceiro trimestre de 2003 os pedidos de emprego no Instituto de Emprego e Formação Profissional tinha 470.623 pessoas desempregadas. Mais de mil famílias (110.161) beneficiavam do Rendimento Social de Inserção, tendo em média 53,06 euros por pessoa, mensalmente.

Dois terços dos portugueses (66 por cento) consideram ter rendimentos inferiores àquilo que julgam absolutamente necessários», revela um documento da Comissão Europeia.

PARTILHA — Da assinante 11856, do Porto, recebemos 500 euros para os nossos Pobres, «agradecendo orações

pelos meus entes queridos. Este dinheiro seja para que Deus perdoe os meus pecados, pois não sabemos a hora nem o dia em que Ele me virá buscar». Senhora de Fé!

O assinante 53241, do Luso, «dando satisfação ao compromisso mensal do envio do nosso donativo para os Pobres da vossa Conferência», manda um cheque, de 25 euros, «para atender às maiores necessidades».

Oferta duma senhora de Leiria, nossa assinante 44087.

Do Porto, assinante 56964, 50 euros, «um pouquinho que Deus me dá para os meus irmãos em Cristo».

Bucelas, 25 euros, da assinante 75292, «uma pequena migalha para a Conferência de Paço de Sousa. Que Nosso Senhor Jesus Cristo na sua Infinita Misericórdia nos abençoe». Muito bem!

«Duzentos euros, da assinante 13669, de Ílhavo, destinados à ajuda dos medicamentos para os nossos irmãos mais carenciados. Rezem por alma de minha tia e madrinha, a sua alma esteja no Céu. E Nossa Senhora peça pelo Mundo inteiro para que tenhamos amor e fé para ajudarmos os Pobres doentes».

Vinte euros da assinante 25186, de Viseu, com destino à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. «para suavizar a dor dos que precisam e vos procuram com problemas de vária ordem. É uma gota para as necessidades dos que nada têm, mas a vida está complicada, mormente os que nada têm. De outra vez irá mais». Santa promessa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Já acabou. Graças à rapidez dos rapazes, o nosso Padre Acílio deu-nos o prémio. Agora, os rapazes já começaram com o milho, e digo que não começou nada bem...

ESCOLA — Como sabem, já começou. Portanto, esta semana é muito atarefada porque os rapazes não param de pedir livros e material escolar. Que todos ponham a mão na consciência e reflectam sobre o novo ano lectivo.

SALA DE ESTUDO — Está em obras e os rapazes estão um bocado atrapalhados, por não saberem onde guardar os livros e fazer os trabalhos escolares.

PENAFIEL — O Futebol Clube de Penafiel ofereceu 25 bilhetes para os rapazes verem o Penafiel-Estoril. Agradecemos, mas também gostaríamos

de ver jogos dos grandes, tais como Penafiel-Porto.

Rolando

DESPORTO — Há dias, a oração da manhã da R.R., dizia que: «...todas as famílias deviam andar afinadinhas como uma banda de música».

Ora, puxando eu a brasa para a minha sardinha, que não é minha mas é de todos, espero que a nova temporada futebolística arranque, também, afinadinha, certinha e direitinha com todos os seus elementos, e não só, a puxarem ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Seria bom para todos, se cada um soubesse respeitar o colega de equipa, o seu «adversário» e caprichasse na missão que, por ventura, lhe seja confiada, acabando assim por se respeitar a si próprio e se fazer respeitar, com verdade e com dignidade! Verdade, que tantas vezes se troca pela mentira a troco de nada, tornando difícil o que é simples e fácil de pôr em prática. É necessária boa vontade! Ela, às vezes, até existe, mas tão depressa está, como de repente desaparece, por incrível que pareça!

Vamos ter o primeiro jogo da época 2004/05. Fomos convidados para participar no jogo de apresentação aos sócios do F. C. Cabeça Santa. Oxalá tudo corra bem, independentemente do resultado. Temos que nos convencer de que os outros, tal como nós, também lutam por um resultado favorável, mas só um pode ganhar. Eu costumo dizer que, seja qual for o resultado final, nós temos sempre uma vitória garantida: marcar presença onde quer que seja, mas, e sobretudo, se tivermos a consciência de que devemos honrar e dignificar a camisola que vestimos, bem como a família a que pertencemos: havendo sempre um certo empenho em não fechar a porta às gerações vindouras!

É sempre agradável, fácil e cómodo, dizer que sim. Mas é muito mais proveitoso, muito mais estimulante e aliciante para todos, verificar que cada um se preocupa, na prática, com atitudes próprias e dignas de alguém que se preza, dentro e fora do campo. Se nós formos cumpridores e humildes no nosso dia-a-dia, também o seremos, com certeza, quando estivermos a praticar desporto. Procuremos ser com todos, mas principalmente com nós próprios, coerentes e sinceros. O resto vem por acréscimo e, muitas vezes, sem darmos por ela. É como a idade, ela vem, o tempo passa e nós não damos conta... e quando damos por isso, já é tarde!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

ANTIGOS GAIATOS — Recebemos, em nossa Casa, no dia 15, o encontro anual dos Antigos Gaiatos.

Decorreu como nos anos anteriores, com a celebração da Eucaristia, ao meio da manhã, presidida pelo Bispo de Coimbra. De seguida, o almoço. Os antigos gaiatos almoçaram numas mesas postas no largo, os actuais almoçaram na sala de jantar, na companhia do Bispo e com alguns membros da Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos. A meio da tarde realizou-se um jogo de futebol que ficou empatado a quatro golos.

Depois, um merecido banho na piscina. Houve uma merenda reforçada que serviu de jantar. Seguiu-se um convívio em que se confundia a letra das músicas com as gargalhadas. O fim deste dia de festa terminou com a arrumação das tendas e mesas postas no largo.

ESCOLA — Iniciou um novo ano lectivo e, como toda a gente sabe, não começou lá muito bem devido à falta de colocação de professores nas escolas, motivo por que os alunos começaram o ano lectivo mais tarde, mas apenas os alunos do ensino oficial, pois os rapazes no ensino particular começaram as aulas a tempo. Por isso, neste momento, encontram-se poucos rapazes no Lar de Coimbra.

RAPAZES — O David, «Tochim», começou a trabalhar na Marco Polo, em Coimbra, depois de tirar o curso, de electricista, na Formação Profissional. Ele é rapaz de grandes capacidades, mas não conseguiu fazer o 10.º ano em Informática. A Marco Polo é uma empresa internacional de transportes e ele monta toda a parte eléctrica dos autocarros.

Também o Luís, «Palhaço», teve o primeiro emprego, trabalha na Arnauto, em Miranda do Corvo, uma empresa de automóveis. Teve de concluir o 9.º ano num currículo alternativo, devido à idade que tinha quando começou a estudar. Hoje tem o 9.º ano e uma grande vontade de trabalhar e de aprender coisas novas.

REUNIÃO DE PADRES — Há cerca de duas semanas, os Padres da Obra da Rua reuniram-se em Miranda do Corvo para tratar de assuntos da mesma. O dia correu com normalidade, apenas tivemos Missa no final do dia.

Adriano

TOJAL

CAMPO — Já foi apanhada a abóbora. Todos sabemos que vai ser muito útil para as nossas refeições.

Entretanto, a alface e a couve continuam viçosas. Esperamos que haja uma boa colheita para que as possamos ter presente às refeições.

POMAR — As laranjeiras, por esta altura, estão a descan-

sar, mas os nossos diospireiros estão bem carregadinhos de fruta. Nós temos o cargo de dizer a Deus o nosso muito obrigado pela Sua grandiosa Obra, que, nela, também somos frutos.

JARDINS — Alegria de quem sabe olhar. Os nossos rapazes empenharam-se para pôr os canteiros limpos e bonitos, pois é deles que, no meio de tantas tribulações, percebemos que, nesse jardim, por mais bonito que pareça, tudo tem o seu sentido. É bom olhar para os mesmos, porque despertam os sentimentos adormecidos.

POCILGA — As crias, que a nossa porca teve, encontram-se muito bem de saúde e mantêm-se as doze crias, no período de um mês, o que tem sido raro. É com muito orgulho que o nosso «Dentuças» se empenha nessa tarefa — tomar conta da pocilga.

ARTE — É preciso ter gosto e dedicação. Em frente das nossas casas e em frente do refeitório, foram postas umas plantas muito bonitas. Sempre dão outra alegria.

Em cada momento

*Tu alma que danças em mim
Salvando um dia de cada vez
Que quase não tem fim
No teu olhar sem cicatriz
De negar a filosofia da lei.*

*Tu anjo em carne
Solta-te a voz lá do fundo
Em sinal de alarme
Neste prado
Em aragem conquistado
Quando falas de mim
No silêncio das nossas palavras.
A flor sorriu para mim.
Todos os dias a natureza saúda-me
Na alegria sem fim.*

Abílio Pequeno

SETÚBAL

RETIRO — Um grupo dos nossos rapazes mais velhos foi fazer um Retiro na nossa casa de férias da Arrábida. Quem orientou foi o Padre Geraldo. A D. Selda, ajudada pelo Pedro, André e por mim, também por seu marido e filha, organizaram as coisas na cozinha. No Retiro os rapazes reflectiram na sua vida espiritual e na sua preparação para se fazerem uns homens. Gostaram de estar no Retiro e pediram que se fizesse mais vezes.

OBRAS — O Garcia começou a trabalhar fora. O sr. Paulo está a começar a pôr os azulejos nas paredes da copa. Depois vai arranjar o chão. Entretanto, o senhor dos inoxes está a fazer os balcões e as pias de lavar a louça. Quando a copa estiver arranjada, segue-se a cozinha. Esperamos que o trabalho fique bem feito.

RAPAZ NOVO — Chama-se Nino Júnior. Tem seis anos e veio das Irmãs da Caridade. Gosta de estar cá e já tem muitos amigos. Gosta de jogar a bola e de ver desenhos animados. Esperamos que ele fique cá muito tempo — até se fazer um homem.

GALINHEIRO — Quando a D. Conceição veio da praia, decidiu matar alguns frangos. Quem ajudou foi o Nuno, o Luís «Gordo» e o Hernâni. Depois de matar, puseram água a aquecer para depenar. Uma cadela que eu, o Luís Paulo e o Tiago temos, foi às galinhas e partiu algumas pernas. Mas agora está presa com uma corrente. Nós levamos-lhe de comer para que não aconteça mais isso, senão vai para o canil.

Horácio

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

A Casa do Gaiato de Setúbal comemora, em 2005, os cinquenta anos ao serviço dos Pobres da rua. Rapazes que, ora rejeitados, ora órfãos e das mais diversas causas sociais, encontraram, e continuam ainda hoje a encontrar, uma família que, emprestada, vai fazendo as delícias à sociedade dos entendidos e dos duros de coração. Pai Américo criou um pensamento inovador para a sua época, mas não está esgotado nos dias de hoje. Apesar de se fazer, hoje em dia, caridade sob as mais diversas opções, as Casas do Gaiato são, ainda, um modelo moderno e atraente, porque se moderniza também com a aprendizagem da vida quotidiana que os rapazes trazem da rua, ou dos desequilíbrios sócio-económicos das famílias comuns. O segredo deste sucesso é o amor ao Próximo. Os Padres da Rua e as Mães da rua são exemplo do amor ao Próximo conjuntamente com os que apoiam, e continuam a apoiar, esta imensa família sem fronteiras de amor. A caridade consegue-se vencer com o amor, mas o amor não tem preço, é inesgotável, infinito, universal. Afé aqui temos uma dívida de gratidão, prestar um testemunho da existência deste Pai que foi, e continuará a ser, o Pai dos Pobres, Américo Monteiro de Aguiar.

Assim, os rapazes de Setúbal, com a ajuda de todos, vão deixar uma marca, um ponto, na cidade de Setúbal — um memorial. No Monte Belo Novo, num jardim junto à Praca Padre Américo, um busto em homenagem ao nascimento desta Casa de Família, do seu Fundador. A obra está orçada em cerca de quinze mil euros.

MALANJE

Cantinho dos rapazes

NUM jornal de Espanha e no tempo da guerra e da fome, o Bispo D. Luís Maria escreveu um artigo sobre a cultura do prato.

O objecto mais importante e necessário para sobreviver era um prato e uma colher. Sem prato não era possível a entrada nas cozinhas onde serviam a papa de soja.

Foi precisamente nesta altura que os pratos e colheres começaram a evaporar-se em nossa Casa. Com que rapidez! Meia volta e logo um grupo a comer com a mão — à tradicional maneira angolana. Esta cultura do prato dura até hoje. Hoje é prato, colher, caneca e copo... A cultura actual tem mais requinte.

Cada pouco tempo, dentes caídos e uma nova dentadura. É um «Deus nos valha»!

Mesmo com a guerra longe, continua a violência. Um aglomerado e a pergunta:

— Que foi?

— Um roubo e está apanhando sova.

Muitos gritos e correria de crianças. Corriqueira a expressão: «Eu dou-te tiro».

Mesmo em nossa Casa: brigas, lutas, ameaças.

Não estamos isolados e imunes. Recebemos os males e os bens que nos circundam. Somos filhos desta sociedade.

E outra vez o roubo! Herança destes tempos de carência, que geraram um novo mandamento: tira só, desvia, ninguém viu.

Quando todos dormiam, pela calada da noite, Gabi e Francisco — a caminho da horta da Carianga. Cento e sessenta e seis cebolas, em dois sacos, a caminho da aldeia de Carianga de Cima.

De manhã, o alvoroço. Como choveu ficaram as pegadas que foram luvas para os seus pés. Além deste indício deixaram dois rabinhos de fora, e foi só puxar. Rica cebolada! É de louvar o esforço que todos puseram na descoberta dos dois ratos.

Mais importante que o valor do roubo, é o interesse que todos os rapazes manifestaram na descoberta. O que pertence à Casa é nosso.

Padre Telmo

Moçambique

Continuação da página 1

Em contrapartida há uma colossal e corrupta arbitrariedade ao retirar aos fundos destinados aos programas de combate à sida, vinte por cento, sobre salários, mais dezassete por cento de IVA por tudo o que é adquirido para os projectos. Para quê? Será que quem enfrenta com generosidade e risco a luta pela vida dos que estão socialmente condenados, tem de pagar imposto? Faz lembrar e até apeetece dizer a saudação dos gladiadores ao Imperador: «*Ave César, morituri te salutant*».

Estamos a trabalhar no combate ao HIV. Os programas vêm cheios de ideias a con-

cretizar no terreno, para inverter a hecatombe que se avizinha. Mas, porque não dizê-lo? Há custos grandes para mobilizar pessoas responsáveis de cúpula. Há custos razoáveis para estruturas no terreno para acolhimento de órfãos. Há fundos ridículos para pagar o sustento dos que trabalham no terreno a pretexto de que o povo tem de cooperar. Cooperar mas à força, porque recebe trinta e cinco dólares com atraso de meses. A saúde é um bem precioso, ninguém duvida, mas quem acredita e dá a vida pelo que acredita mesmo, e devolve à vida normal os condenados até então, passa a ter a sua própria em risco. Assim não!

Padre José Maria

Momentos

Continuação da página 1

arredores da cidade, onde houvesse ar com fartura, vistas largas e espaços arejados, do que mantê-los em lares de «prédios antigos, com escadas íngremes e estreitas, paredes degradadas, manutenção caríssima sempre necessária»? (...) «Esta localização é muito negativa e complica muito o nosso trabalho, sugere o director da Obra.»

Instituições de inspiração cristã, sob o patrocínio da Igreja Católica devem nor-

tear-se por princípios educativos nascidos na Fé cristã, onde a liberdade e a responsabilidade andam a par, os hábitos de trabalhos se casam com o sentido de justiça, o afecto e a ternura abundam em plena família, a fraternidade é recriada na dádiva e recepção mútuas, e nunca em ares de vigilância, à maneira das prisões ou das antigas tutorias, às quais, hoje, chamam colégios.

Não podemos ser cristãos só de nome, mas de natureza! Se o Estado é laico não o é a sociedade em Portugal.

Desgraçadas crianças e jovens que caem em instituições destas, onde basta o comer, a escola, a televisão e a vigilância. Autênticos pintos de aviário onde o veterinário competente, o tratador dedicado e a gaiola segura são apanágio de actualização.

Não é pelo facto de metermos no estabelecimento técnicos graduados com diplomas universitários que a Obra se actualiza ou se coloca em

posição de responder às exigências vigentes.

Eles podem ajudar, sim senhor.

As ciências de educação, sociologia, medicina psicológica e psiquiátrica ampliaram-se bastante nos últimos decénios.

Consultamo-las sempre que necessário nos respectivos e competentes gabinetes, mas a criança sem família precisa, em primeiro lugar, de amor, carinho, espaço afectivo e físico e de projecção no futuro que é alicerçada pelo que a vida tem de mais intuitivo, natural e atraente como o campo com a sua alargada riqueza.

As pequeninas e adaptadas ocupações só lhes dão competências, os entretêm, desenvolvem e aproximam esperança, aumentam a consciência das suas capacidades, favorecem, equilibradamente, o que o Padre Américo chamou «dar fé do seu valor» e hoje se denomina auto-estima.

Ter adolescentes e jovens desocupados é um crime muito grave contra o qual ninguém protesta.

Padre Acílio

Necessitamos de apoio a este pensamento e preencher um vazio nesta cidade que bem merece, algo que a identifica com os dias de hoje.

A todos os leitores e amigos, divulguem este apelo, e podem endereçar à Associação da Comunidade «O Gaiato», para a Rua Morgado de Setúbal, n.º 91 e código postal 2910 Setúbal. Cá vos aguardamos.

César Amante

SETÚBAL

O velho, o rapaz e o burro

CUIDAR do rapaz que não tem condições para viver a sua idade infantil e ajudá-lo a crescer até se tornar num ser adulto autónomo, é tarefa que deve obrigar toda a sociedade.

Uma sociedade desenvolvida, tem de ser consciente desta obrigação.

Como a sociedade é formada por seres humanos e não por máquinas, a ajuda aos mais frágeis, deve ser feita não só com pão mas também com o coração. Com um coração inteligente que, usando do bom senso, fruto do saber e do viver, é capaz de ler o presente e congregar as condições necessárias para se alcançar para eles um futuro promissor.

Nesse futuro em que os rapazes viverão, imersos na sociedade que é a deles, precisam de a ir conhecendo já hoje, nos seus defeitos e virtudes.

Neste sentido, a distribuição que os nossos rapazes fazem d'O GAIATO, é uma grande riqueza pela oportunidade que lhes dá de contactar com muitas pessoas e em diversas situações. Encontram-nas quando elas vão às compras — um ritual

em que muita gente centra os seus interesses; ou nas empresas, onde outro tipo de disposição anima e congrega as pessoas; nas ruas, onde as mais diversas motivações provocam o caminhar. São diversas as experiências que os rapazes vivem e que lhes dá um conhecimento prático do modo de ser e de estar dos indivíduos em sociedade.

Tal como na história do velho, do rapaz e do burro, impressa nos antigos manuais escolares primários, os nossos rapazes vão aprendendo que, também hoje, o olhar sobre uma mesma realidade, pode ser o de dar maior importância ao velho, ou ao rapaz, ou ao burro; que eles próprios e nós, somos vistos e apreciados por diversos modos de pensar e de sentir. É que os

seres humanos continuam imperfeitos como no passado... Talvez hoje menos convencidos disso.

Nós temos a possibilidade de fazer aquilo que os outros não fazem, por isso podemos ver melhor do lado de fora, o que se passa do outro lado.

Se a dita imperfeição na história, teria por detrás uma vontade de acertar, de participar ou de colaborar, hoje vemos em vez disso, desinteresse em olhar para quem precisa. O velho, o rapaz e o burro vão na estrada, no meio dos automóveis, sem ninguém querer saber deles, ao passo que estes são o centro de todas as atenções e interesses de quem anda descentrado das suas obrigações.

Padre Júlio

DOCTRINA

A lição de duas mestras



TENHO sido ultimamente solicitado para dar normas de orientação em matéria de assistência social, quer por escrito, quer de viva voz. Gosta-se tanto de obras deste teor, que o público ateima em considerar mestres os que a elas se devotam; daí as perguntas. São títulos que nos atribuem, pedestais que nos levantam, não que a gente os tome ou acredite. Por isso mesmo, jamais será um santo caído do altar todo aquele que não pretende subir. E neste espírito, responde-se humildemente aos que nos interrogam.

EM primeiro lugar, um grupo de senhoras, consternadas pela sorte das crianças da sua terra natal, desejam saber de como hão-de fundar uma obra de protecção às mesmas; nomeadamente de como hão-de conseguir fundos. Querem saber se da Junta, se dos Grémios, se do Governo, se de quem: «V. como faz, Padre?»

AS dificuldades, em casos assim, são meramente subjectivas: formam-se e surgem precisamente dentro de quem as põe. «Não sejas demasiado solícito do que hás-de comer e vestir.» Esta verdade eterna é a matéria-prima; com ela se começa o trabalho. O que verdadeiramente importa é semear em lágrimas; a seguir, vem a colheita. É assim na

ordem do Amor. Não se pergunta a ninguém como se faz; faz-se.

DUAS fidalgas de Coimbra, muito amigas e muito dadas e enamoradas da sorte do Pobre, resolveram alugar uma toca na rua do Quebra-Costas. Deixaram o conforto dos seus lares e fizeram do tugúrio o lar delas. Quando o mundo deu fé, já elas, as duas fidalgas, andavam de xaile e lenço em plena actividade. Não há Pobre em Coimbra que as não conheça e ame qual menina dos seus olhos. Eu não sou mestre, mas deixo aqui a lição de duas mestras. Ninguém lhes pergunte como elas fizeram; não o dizem — nem sabem! Está a lição e isso basta.

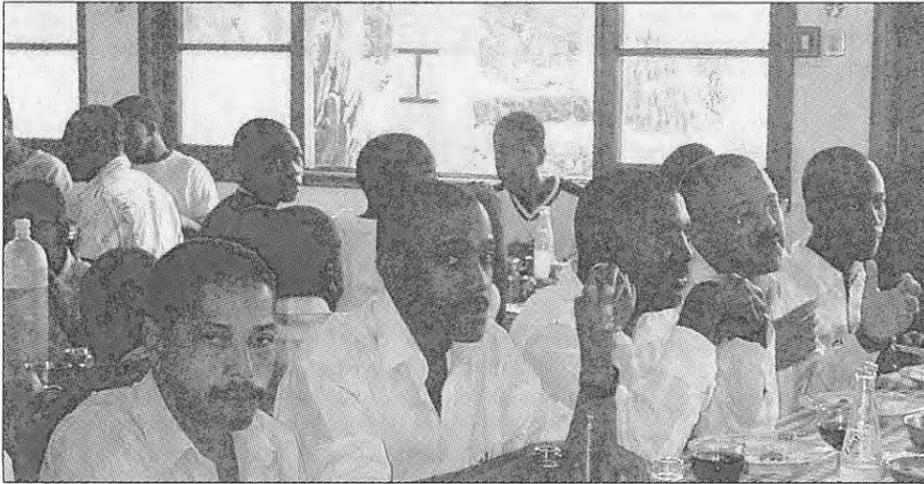
DE uma vez, pediram-lhes um artigo para a revista das Noelistas.

— Nós não sabemos escrever! De outra vez, foram levar-lhes o produto de uma das chamadas «festas de caridade».

— Nós não podemos aceitar. Queres aprender dos mestres? Não erres o número da porta. Vai às Criaditas dos Pobres, em Coimbra.

D. Amante

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)



Benguela — Os actuais e os antigos gaiatos, no refeitório, em dia de festa.

BENGUELA

Cantinho da Família

APETECIA-ME chamar a estas notas o Cantinho da Família. Estou em Benguela, mas escrevo em Portugal, na nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Meu coração, nesta hora, está repartido, não dividido. Quando nos afastamos de quem muito amamos, é, então, quando damos conta da força da comunhão que faz a nossa vida.

Há quinze dias, disse que partia com os olhos cheios de crianças, de mão estendida, a pedir-me tudo e, sobretudo, que as amasse e fosse a voz delas por onde estivesse.

Quantas vezes tenho falado, ao jeito dum desabafo, em solidão: Como ajudar estes filhos a crescer e a ser «gente»? É verdade! Há uma busca permanente de meios para a exploração da riqueza material, com nota alta para o petróleo e diamantes. E a riqueza humana, consubstanciada nas crianças e filhos abandonados?

Há tempos, por ocasião duma visita à nossa Casa do Gaiato de Benguela de altos dignitários duma das maiores empresas de petróleo a operar em Angola, sentados, frente a frente, disse-lhes com toda a minha convic-

ção: Sois os representantes duma grande empresa a explorar a riqueza escondida no mar de Angola, a grande profundidade; nós somos uma «empresa» pequenina virada para a riqueza ainda maior de Angola, escondida na profundidade do coração da criança da rua. Creio que entenderam a mensagem e perceberam que a mesa não é só para eles; é para todos os filhos. O investimento em meios económico-financeiros é urgente e importante; apetece-me dizer que antes deste é necessário o investimento humano.

Estou, neste momento, em Portugal. Não posso calar a dor que sinto por ver outros países, que não têm os direitos e as obrigações que Portugal tem para com Angola a passarem à frente. Não me refiro a investimentos financeiros, porque não percebo, mas a investimentos humanos. Há áreas extraordinariamente sensíveis ao povo, como a educação, a saúde, a assistência e outras, mas Portugal não está lá significativamente. E Portugal quer manter como uma prioridade da sua política externa a presença cultural em África. Com todo o direito e obrigação. Deste modo? Com ausência nas áreas mais sensíveis à população? Não consegui calar esta dor. Por isso, na sua pequenez, mas como uma fogueira com fogo muito vivo a irradiar até onde for possível, a Obra da Rua, em Angola, leva desde o início o sentido de reparação pelo que não foi feito e devia sê-lo.

Não quero que pensem que estou a ser radicalmente negativo. Algo tem sido feito. Se as elites são factores de presença muito importante em qualquer comunidade, se estiverem fechadas, como chegam ao povo, o sujeito cultural mais original e por isso mais seguro?

E o acampamento de tuberculosos de que vos falei há quinze dias, também? Estão lá, à espera de todos vós. Quem nos dera chegar mais depressa do que a morte.

Apetecia-me chamar a estas notas Cantinho da Família. Porquê? Sábado passado, vivi momentos muito fortes com sabor a família de sangue e mais forte ainda do que o da família de sangue. Estivemos no cemitério, onde repousam as cinzas da Mãe Irene, a mãe carnal do nosso Padre Carlos, a quem, desde que a conheci, chamei sempre mãe também. O que vi? Um canteiro com roseiras e, no meio, a roseira linda, cheia de vida e botões a abrir, alimentada pelas cinzas que ali foram colocadas. Que símbolo riquíssimo da Vida! Depois, fomos a casa do Delfim, doente há muitos meses, com 67 anos, criado na nossa Casa do Gaiato, sorridente e feliz por nos ver, na companhia de sua esposa que, desde sempre o acompanhou com carinho extremo. Depois, chegámos a casa do Augustito, gravemente doente, gerado na nossa Casa do Gaiato, agora com os seus 62 anos. Se fiquei impressionado ao vê-lo numa cadeira de rodas e com tamanhas dificuldades, mais edificado fiquei com o heroísmo da sua mulher. Que mulher valente, verdadeira mártir do amor ao seu marido desde sempre! Obrigado, Germana, pelo testemunho que me deste! Finalmente, já eram horas, fomos jantar a casa do Zé Lemos e da Madalena, com o calor humano que os filhos mais queridos são capazes de ter para com os seus pais. Todas as portas dessa tarde de sábado foram fechadas com chave de ouro. Eis um retrato do que é e pretende ser a Casa do Gaiato. Obrigado!

Padre Manuel António

PÃO DE VIDA

Plantar

Aventura da Escola (re)começou para a maioria das crianças e dos jovens do nosso País, em que o analfabetismo ainda é uma chaga social.

Meia centena dos nossos filhos vai passar o dia fora da sua Casa, ficando sujeitos a outras vivências, integradoras e de eventual desvio, se não forem amparados.

As Escolas terão meios para os ajudar, nesta fase de sociabilização?

A circunstância do seu crescimento é determinante para o aproveitamento escolar e a formação humana integral, que os vai estruturando como homens, de verdade.

Reconhece-se que uma das causas do insucesso escolar é a pressão da indústria da pseudodiversão.

Numa tarde, o Flávio pediu licença para ir dar uma volta, que não foi concedida, devido ao abuso. Um dos perigos iminentes, que espregueia, é jogar máquinas e computadores, a troco de euros, pois estes chamariques proliferam como cogumelos, em torno dos estabelecimentos de ensino.

Aqui, eles não podem deixar de lado o tempo dedicado aos serviços comunitários, na sua Casa.

Contudo, neste tempo, o centro nevrálgico das preocupações desloca-se para o empenho escolar — estudar.

É lícito interrogarmo-nos pela exigência do sistema, durante nove anos de escolaridade. Como é possível transitarem alunos sem o mínimo de conhecimentos e até avançarem vários anos, de uma só vez?

Contrária, à saciedade, a própria natureza, em que há seres criados que trabalham incessantemente, sem reclamar qualquer prémio. Há dias, na oração da tarde, os pequenos não tiravam os olhos das formigas que labutavam afanosamente, nos carreiros, para as suas luras. Também as abelhas têm esta matriz de vida, na sua sociedade bem organizada.

O ambiente escolar deve ter motivações suficientemente capazes. Todavia, as Esco-

las podem cair em espaços com tendência para o divertimento, descurando a sua função cognitiva. Servirão para aguçar a sede de saber e, nelas, os alunos aprendem, de facto, a dominar, pelo menos, as palavras?

Muitas crianças dedicam-se exclusivamente à brincadeira, antes e durante a frequência escolar.

Entre nós, tomou-se outro rumo, desde o princípio. O ambiente natural é fundamental para a aprendizagem e o crescimento. Plantar e colher são tarefas indispensáveis. Depois das uvas, o milho esperava, com paciência, pela colheita. A humidade ainda bem que era baixa e agarrámo-nos a apanhar espigas douradas, antes que fosse tarde. *Tempo para arrancar*, diz Coelet. O grão é necessário para alimentar os animais domésticos, que eles gostam de criar e observar.

Entretanto, era, também, *tempo de plantar*. Um vasto campo da horta foi lavrado para receber, no seu seio, mais de um milhar de pés de hortícolas. *Et pluribus unum*. E foi uma festa! Feitos os regos com os combros, na terra escura de estrume, foram aconchegadas muitas raízes, com espaçamento conveniente. Antes, tinham sido sementes minúsculas e alguns não acreditavam que os poderiam plantar todos numa tarde. O Tiago, «Barra-botas», depois, regou-as com carinho, a partir do tanque, ao lado da tipografia. «*Se tivésseis fé compará-vel a um grão de mostarda...*»

A imagem do crescimento aplica-se não só às plantas mas também às pessoas. Acreditamos que, para além da Escola, nesta família, é possível ajudar a *fazer de cada rapaz um homem*, colhendo espigas e com as mãos sujas da terra, nos tempos que sobram do vaivém escolar.

Jesus foi um *judeu camponês* e, assim, cresceu para o Alto, à margem dos doutores da Lei.

Se os nossos não puderem conhecer o que os livros ensinam, que aprendam a articular e escrever as palavras que os afirmam, e a cultivar a terra. O Senhor tem a Palavra de Vida e estes jovens não podem ficar parados ou aquém do projecto que Deus põe à sua frente.

Os estudantes também crescem em sabedoria e fidelidade, nos trabalhos agrícolas, debaixo do sol.

Padre Manuel Mendes

ENCONTROS EM LISBOA

Episódio do Evangelho

O episódio do Evangelho que este Domingo nos foi proposto tem o condão de nos colocar diante de uma mistura entre o humano e o divino sem nos apercebermos das passagens.

Os discípulos pediam a Jesus que aumentasse a sua fé. A resposta é interpelativa: «Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira muda-te daqui e vai plantar-te no mar e ela obedeceria». É quase propor-nos o impossível. Só na zona do divino ou do milagre se pode conceber tal feito. Um dos meus miúdos falou de um «bocadinho de vontade». Aqui passamos da esfera do divino para a esfera do humano e a frase ficaria: «se tivésseis um bocadinho de vontade até o impossível se conseguiria».

Neste conturbado início do ano escolar, prego aos meus rapazes que não podem partir para as aulas derrotados a algumas disciplinas. Com efeito, alguns vão dizendo: «a Matemática não se dá bem comigo»; «nunca penso ir a Inglaterra ou a França, para quê estudar essas línguas?»; «É o Português, desde que a gente se entenda, para quê tanta coisa?»

«Um bocadinho de vontade... como se tudo dependesse de nós. «Fé do tamanho de um grão de mostarda... como se tudo dependesse de Deus. Teríamos uma mistura explosiva capaz de transformar o homem e o mundo que nos rodeia.

Padre Manuel Cristóvão

Apelo

Continuação da página 1

falar, é o Espírito do vosso Pai que falará em vós» (vrs. 16-20).

E depois de lembrar que «o discípulo não está acima do Mestre» (v. 24) (alusão ao que Ele próprio havia de sofrer), encoraja-o a que «proclame sobre os terraços o que escuta ao ouvido» (v. 27), sem temor porque «os que matam o corpo não podem matar a alma» (v. 28). E promete que «todo aquele que se declarar por Mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de Meu Pai que está nos Céus» (v. 32).

Este o estatuto dos *Envia-dos* de Cristo, estabelecido definitivamente para os chamados à missão em todas as

gerações. Jesus não engana os chamados acerca dos custos da missão; nem omite a promessa que lhes dará a certeza da justa sentença no termo da caminhada de contradições.

A mensagem do Papa refere-se mais especificamente à missão dita «ad gentes». Mas neste mundo pejado de materialismo e destemperado por um neo-paganismo que atropela valores e tenta apagar dados civilizacionais adquiridos ao longo de dois milénios — pergunto-me se não é ele todo *terra de missão*.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Nós temos de saltar por sobre os perigos. Temos de nos arriscar. E Deus não pode faltar.

PAI AMÉRICO